

## O CRENTE E O ATEU – Parte I (Um conto de respeito e tolerância)

Mário Jorge Lima

[Esse conto, embora fictício, tem detalhes retirados de personagens da vida real com os quais interagi e aprendi ao longo da minha vida. Talvez alguém, ao ler, se reconheça aqui e ali. É uma homenagem respeitosa a todos que usam honestamente sua inteligência e capacidade de raciocínio, para chegar a conclusões e convicções que, podem divergir frontalmente entre si mas, guardam a centelha da vontade livre e do poder de escolha com que, segundo creio, fomos criados. Tenho minha convicção cristã pessoal, porém, esse conto não é apologético nem tenta fazer proselitismo.]



Eduardo acordou sobressaltado, meio tonto. Sua idade - já septuagenário - não lhe permitia mais movimentos bruscos e repentinos. Estivera cochilando por breves momentos e temeu pelo pior. Correu para o leito do seu amigo, que naquele momento também acordava de um sono induzido por drogas. Doses fortes de morfina finalmente pareciam ter surtido efeito e abrandaram o seu sofrimento, depois de um dia de muitas dores. Aquele era o quarto de um renomado hospital, em São Paulo, especializado em oncologia, e Sérgio

estava perdendo a luta para um câncer desumano. Sérgio, médico que era, dos mais conceituados em sua área, sabia do real alcance da doença.

As lembranças invadiram com a força de um *tsunami* as mentes de ambos. Eram amigos, de toda a vida, do tipo unha-e-carne, desde a mais tenra infância e tinham a mesma idade. Brincaram juntos todos os folguedos infantis, estudaram nas mesmas escolas, desde os antigos Primário, Admissão, Ginásial e Científico. Disputaram as mesmas namoradas. As férias, ora eram passadas na fazenda dos avós de um, ora na casa de praia dos pais do outro. Suas famílias tinham sido também amigas, e assim, viajaram juntos várias vezes. Tiveram alguns desencontros e rugas, claro, mas tudo só serviu para que se conhecessem melhor e fortalecessem a amizade.

Divergiam nas torcidas por clubes de futebol, ali nunca houve acordo. Eduardo, carioca, nascido na Tijuca, viera bem pequeno para São Paulo com seus pais, não antes de ser inoculado pelo amor ao Flamengo. Sérgio, paulistano, era de família nobre dos Jardins, mas nasceu corintiano. Sentiam especial prazer em gozar um da cara do outro. Politicamente também não rezavam pela mesma cartilha, mas ambos acreditavam que situação e oposição eram “farinha do mesmo saco” e que usavam muitas vezes o povo como mera massa de manobra.

Cursaram faculdades distintas. Sérgio tinha família não religiosa e politizada. Mente científica, fez Medicina, presidiu centros acadêmicos, especializou-se em Neurologia. Eduardo, de família cristã, intelectualizada, cursou Direito, tornou-se Criminalista. Ambos se formaram *magna cum laude*, e tiveram vida profissional invejável. Casaram com colegas dos tempos de faculdade, e as famílias que constituíram também desenvolveram amizade.

Prosperaram, profissionais bem sucedidos que se tornaram, éticos, aproveitaram todas as boas oportunidades e tiveram suas próprias empresas. E não passava uma semana sem que se visitassem, ou no mínimo batessem longos papos à noite ao telefone ou pelas redes sociais.

Sérgio, ateu, dizia-se agnóstico. Eduardo seguiu o que aprendera de seus pais e teve vida religiosa regular, tendo sido músico atuante em sua igreja. Nada numa análise de perfil indicaria que pudessem ter sido tão amigos. O segredo: respeitavam-se. A diferença de entendimento nas várias questões da vida

nunca os separou, nem criou barreiras entre eles, tampouco entre as suas famílias. Algo raríssimo. Sérgio, por exemplo, jamais ofereceu ao seu amigo bebidas e alimentos que sabia não fazerem parte de seus hábitos, também jamais ridicularizou seu modo de vida. Chegara até a ir, sem nenhum desconforto, a um culto de ações de graças na igreja de Eduardo e perdera a conta dos casamentos e funerais de amigos em comum a que foram juntos, felizes ou contristados. Eduardo, por sua vez, nunca negou-se a acompanhar o amigo pelos bares da vida, em festas, recepções, jantares e coquetéis de todo tipo, onde estreitaram a amizade ainda mais e conversavam sobre suas dúvidas e certezas. Eram ambos, o crente e o ateu, atípicos e únicos.

Discutiram suas posições muitas vezes, mas sempre num clima amistoso, sentiam-se cúmplices na procura de uma verdade, na busca de respostas. Era como se tivessem asas e viajassem pelo espaço cósmico em busca de vida inteligente, cada um deles notando e anotando visões distintas, trocando experiências, suas certezas e a falta delas também. Nenhum jamais tentou empurrar “goela-abaixo” ao outro suas convicções. Essa não teria sido uma atitude inteligente, e algo que não lhes faltava era inteligência, ética, bom senso. Além disso, ambos tinham certezas e dúvidas, e viam com terna preocupação as posições um do outro. Não poucas vezes choraram juntos, impotentes diante do tudo e do nada.

Sendo ateu, Sérgio, diferentemente do “ateu-de-Superinteressante”, sempre foi sinceramente aberto a qualquer evidência que pudesse lhe provar a existência de Deus. Pode-se mesmo dizer que parecia buscar isso todo o tempo. Essa busca incessante muitas vezes lhe rendeu períodos de depressão e angústia por não obter as provas que, honestamente, gostaria de encontrar. Ele amava a vida, sentia-se recompensado por todo o resultado de seu esforço e trabalho. Sabia ter sido excelente profissional, esposo, pai, amigo, cidadão. Mas, sentia um vazio, algo que sua posição socioeconômica, sua enorme cultura e os postulados científicos que tanto estudara, e pelos quais balizara toda a sua intelectualidade, não eram capazes de preencher.

Cada ano que passava mostrava-lhe que viver era também um pouco morrer. Cada ano a mais era também um ano a menos. Sabia que haveria um momento lá na frente, inevitável e certo, em que teria que se defrontar com todas as suas certezas e incertezas. Queria viver pra sempre, mas como cientista entendia que era um espasmo de metabolismo celular, e que quando morresse a última de suas células, passaria a ser apenas matéria em decomposição, até que os bichos que a comessem também morressem. E isso seria o fim, acanhado e desprezível fim. Pensara algumas vezes em fazer de tudo que lhe viesse à cabeça e então dar fim à própria vida. Pra que esperar? Nessas ocasiões, o amor pela família o impedira. Muitas vezes dividira com seu melhor amigo essas suas reflexões, esse seu desalento diante do imponderável e do inevitável, diante do desconhecido. Tinha seus medos.

Eduardo, cristão lúcido, longe do figurino fé-cega, não tinha as respostas que o amigo buscava, e lhe dissera isso diversas vezes. Era honesto, tinha ele mesmo seus próprios questionamentos, suas interrogações não respondidas, seus medos e apreensões. Mas, era feliz, realizado em todos os aspectos, constituíra uma família abençoada, também queria viver pra sempre, e acreditava que iria. Cria que nada na vida era sem propósito, mas um propósito que cabia ao indivíduo confirmar ou recusar. Tinha algo que Sérgio não compreendia e até interiormente desprezava, e que ele chamava de esperança, de fé. Não era fechado a examinar qualquer questionamento que lhe fosse colocado, tinha consciência de sua limitação e finitude. O evangelho da prosperidade, a coisa carismática, bem como o cristianismo sem compromisso, nunca fizeram a sua cabeça. Aceitava as dúvidas do amigo, respeitava seu desalento, e ressentia-se por não poder resolver aquelas questões e não ter como lhe dar as evidências e provas que ele tanto lhe pedia.

Por volta dos 40 anos de idade, aconteceu uma mudança incrível, jamais pensada ou antevista por eles, uma verdadeira reviravolta na vida de ambos.

Com Sérgio ocorreu repentinamente, ao fim de uma cirurgia delicadíssima, em que o paciente estava totalmente desenganado pela Medicina, com exames os mais sofisticados e caros mostrando que não

havia nada mais a ser feito. Sérgio era um médico humanista, consciente, e, não fosse ele um ateu, poder-se-ia dizer que encarava a Medicina como um sacerdote. Ele não queria operá-lo, mas, contrariando suas convicções médicas e todo o prontuário que tinha em mãos, acabou fazendo-o, por insistência do próprio paciente e sua família.

Após 8 horas de cirurgia, cansadíssimo, com as enfermeiras enxugando o suor do seu rosto a cada instante, as costas doloridas, o olhar já ofuscado pelas luzes da mesa, ele afastou-se para que os médicos assistentes fechassem todos os cortes e fizessem o acabamento cirúrgico. Estava exausto e seria incapaz, naquele momento, sequer de aplicar uma simples injeção no músculo de alguém.

Sentou-se na cadeira mais próxima, jogou a cabeça para trás, fechou os olhos, ficou um longo tempo quieto, rememorando tudo que fizera e não fizera. Tivera que tomar, sozinho, decisões rápidas e importantes enquanto operava. Não chegara a compartilhar isso com seus assistentes, assumiu todos os riscos. Um meio sorriso, que poderia denotar satisfação mas, também surpresa, tomou o seu rosto. Virou-se para as enfermeiras e para um dos assistentes, seu aluno, e disse: “Ele está salvo!”. Uma das enfermeiras respondeu: “Graças a Deus!” Naquele momento, estranhamente, o Dr. Sérgio teve a real e, para ele desconfortável sensação de que não estivera em ação sozinho nos momentos mais críticos daquele procedimento cirúrgico.

Voltou a fechar os olhos e ficou ali quieto. Todos pensaram que tivesse adormecido, e após levarem o paciente para a UTI, saíram respeitosamente em silêncio, ficando o mestre na sala de cirurgia, envolto pela suave luz do foco cirúrgico que havia sido diminuída, para carinhosamente deixá-lo na penumbra, permitindo-lhe, assim, alguns momentos mais de descanso. Dali a pouco alguém trataria de vir chamá-lo.

Ele não estava dormindo. Segundo relatou mais tarde, estava tendo o encontro de sua vida, uma cortina que de repente se abriu à sua frente e lhe desvendou uma dimensão até então insuspeitada e negada por ele. A despeito de tudo em que não acreditava, a despeito de seu raciocínio sofisticado e científico, a par de todas as suas certezas e incertezas, pela primeira vez em sua vida, Sérgio admitiu interiormente a existência de um mundo espiritual. Tocou o sobrenatural, e, segundo ele mesmo, deu o passo, ultrapassou o ponto-zero da fé, e escolheu acreditar. Dali pra frente, sua vida não mais seria a mesma.

Já com Eduardo acontecera exatamente o oposto, algo que viera num turbilhão crescente de dúvidas e questionamentos a respeito do sofrimento, da criminalidade bestial que acompanhou nos casos mais hediondos, de questões como predestinação, teorias messiânicas, escatologias e doutrinas pesadas. Foi até mesmo função de seu casamento desfeito, de distância dos filhos, de algumas importantes causas profissionais perdidas. Isso o afastara primeiramente do convívio com a comunidade cristã em que havia crescido e atuado toda a sua vida, e finalmente, do Deus em quem até ali pensava crer. Dali pra frente, também, sua vida tomou rumos nunca dantes imaginados.

Passou a estudar filosofia profunda, de São Tomás de Aquino a Francis Bacon, de Rene Descartes a Immanuel Kant, de Nietzsche e Platão a Sócrates e Spinoza, muitos deles no original. Lia, ou melhor dizendo, devorava tudo. Acostumado a guardar de cabeça leis e jurisprudências extensas, bem como detalhes mínimos de processos volumosos, tinha enorme capacidade de leitura e de absorção de informação. Tornou-se menos caloroso e imensamente preocupado, pois amava a família, os amigos e a vida e por isso mesmo sempre quis viver pra sempre. Agora não acreditava mais que isso fosse possível.

O ateu tornou-se crédulo, abrindo o coração para a fé. O cristão deixara morrer a mesma fé. Já havia quase três décadas que essas mudanças tinham ocorrido em suas vidas. A amizade permanecera exatamente a mesma. O respeito perdurara, inabalável. As longas conversas, os desabafos, as reflexões sofisticadas e enriquecedoras para ambos continuaram a acontecer. Estavam ainda em lados opostos, só que agora com posições invertidas.

Quando Sérgio internou-se pela que sabia ser a última vez, foi Eduardo quem ele quis ter ao seu lado para as tertúlias intelecto-religiosas que tanto estimavam. E isso era tudo que Eduardo também mais queria, largar todos os seus compromissos para estar ao lado do seu melhor amigo, acompanhando-o até o

desenlace, até a grande passagem, enquanto mediam, ou melhor dizendo, juntavam forças na busca honesta para compreenderem os grandes mistérios da existência ou admitirem a pequenez de ambos diante deles.

Naquela noite, provavelmente a última, ambos se prepararam para passar em revista mais alguns de seus conceitos. Seria, sim, uma conversa final mas, como sempre foram todas as anteriores, extremamente serena e cheia de respeito, admiração mútua, fraternidade e afeto.

São Paulo, 02/01/2013.

[Não perca a segunda parte desse pequeno conto. Baixe-o aqui: [www.multisites.com.br/dl/ocrenteeoateu2.pdf](http://www.multisites.com.br/dl/ocrenteeoateu2.pdf)]